



Paranapiacaba é maravilha

nº 1 da região

Rodrigo Cipriano

A Vila de Paranapiacaba, em Santo André, e os afrescos de Emeric Marcier na capela da Santa Casa de Mauá são as *Primeiras Maravilhas do Grande ABC*. O vilarejo histórico foi escolhido pelos internautas em votação no *Diário Online*. Teve 13% dos votos. As pinturas do romeno foram a opção de especialistas consultados.

A votação foi inspirada em eleição internacional que culminou em evento no último dia 7, em Portugal, que colocou o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, entre as *Sete Maravilhas do Mundo Moderno*.

O conjunto arquitetônico de Paranapiacaba – patrimônio histórico tombado pelo Estado em 1987 – surgiu na segunda metade do século XIX. As moradias abrigaram os funcionários da *São Paulo Railway*, trabalhadores do Sistema Funicular, que também figurava entre os candidatos.



As casas – construídas a partir de projetos elaborados por ingleses – são em madeira, no estilo vitoriano. Um passeio pela vila, costuma-se dizer, é uma viagem ao passado. A neblina, constante do lugar, contribui para o cenário europeu. Destacam-se o relógio da estação, uma réplica do Big Ben, ícone de Londres, e o Museu do Castelhinho, no passado mais imponente residência do local.

A obra do pintor romeno, considerado um dos principais nomes da arte sacra lati-

no-americana, foi quase uma unanimidade entre os dez especialistas que participaram da votação paralela para escolha das maravilhas regionais. Apenas dois jurados não incluíram o conjunto de painéis da capela do hospital de Mauá em suas listas.

CAMINHOS DO MAR

Foram seis dias de eleição para escolha das *Sete Maravilhas do Grande ABC*. Entre o último domingo, dia 15, e sexta-feira, 20, foram computados milhares de votos. Na lista dos leitores, logo atrás da Vila Ferroviária de Paranapiacaba, ficaram os Caminhos do Mar.

O conjunto, que parte de São Bernardo, foi desenhado pelo arquiteto Victor Duburgas. Foi erguido ao longo da



chamada calçada do Lorena, construída no final do século XIX para facilitar o vai-e-vem de mercadorias entre São Paulo e a Baía de Santista.

tista.

Na sequência, aparecem a Represa Billings, reservatório que teve sua construção iniciada em 1925 e hoje abastece 1,6 milhão de casas da região; a figueira do Parque Celso Daniel, que tem idade estimada entre 60 e 100 anos; a Catedral do Carmo, inaugurada em 1940 e que por anos foi uma das construções mais altas do Centro de Santo André; o Paço Municipal da mesma cidade, assinado pelo arquiteto Rino Levi e o paisagista Burt Matz; e o Parque Chico Mendes, a principal área verde de São Caetano.▲

Leia mais nas páginas 4 e 5

Paranapiacaba para sempre

Cláudia Fernandes

São três gerações. Os homens com seus horários nada convencionais e as mulheres os acompanhando. Ainda de madrugada, escuro do lado de fora e com uma névoa sempre presente no topo da serra, elas preparam o café da manhã para os maridos e, mais tarde, para os filhos. Eles somem por trás da neblina branca. Partem para a ferrovia, onde começaram a trabalhar e muitos ainda trabalham.

Elias Pereira da Silva, 37 anos, faz parte terceira geração dessa família que, como tantas outras de Paranapiacaba, não consegue ver a vida longe da ferrovia.

Se Elias fosse um eleitor das *Sete Maravilhas do Grande ABC*, a resposta para o primeiro lugar seria imediata: Paranapiacaba.

É difícil arrancar dele qualquer assunto que não seja sobre a vila inglesa ferroviária onde, ironicamente, os trens não chegam mais.

Elias sempre foi policial ferroviário. Trabalha na Lapa, na Capital. Para chegar ao trabalho, atravessa uma ponte que leva à parte alta da Vila, passa por cima dos trilhos e pega um ônibus para chegar à estação de trem

de Rio Grande da Serra.

MAQUINISTA

O caminho por esses trilhos já era feito também pelo avô maquinista, que descia a serra carregando passageiros. Levava os ricos que tinham como destino o Porto de Santos para, de lá, partirem para a Europa e

Estados Unidos de navio.

Descer a serra, naquela inclinação de dar medo, vendo toda a natureza de perto rente ao penhasco, era coisa de gente que tinha dinheiro.

Mas era também época em que os imigrantes europeus chegavam aos montes na Baixada Santista. Subiam a serra de trem, mas bem lon-

ge dos assentos estofados.

Elias relembra nostálgico as histórias do pai e do avô. "Os fiscais passavam na casa da gente periodicamente para fazer a vistoria. Se tivesse um vidro quebrado, mandavam repor. Se fosse culpa da criança da casa, o pai era obrigado a pagar."

Um cuidado que não existe

mais com o patrimônio histórico que virou propriedade da Prefeitura de Santo André, em 2001.

DESCARACTERIZAÇÃO

A descaracterização da arquitetura inglesa, lembra, começou na década de 1970, quando ainda era criança e a 'princesinha da

serra', como a Vila era conhecida, começou a ficar cada dia menos prestigiada e caiu no esquecimento.

Elias fica melancólico, mas não dá para imaginá-lo triste por muitos minutos. A paixão por Paranapiacaba e pela ferrovia está no sangue.

Eu pergunto sobre seu passado, como vivia, como era sua família. Ele começa respondendo e termina a frase sempre discursando sobre os problemas que o cercam.

Quer resolver e tem presença confirmada em todas as manifestações que envolvem suas duas paixões. É como se abrisse mão de sua vida para tentar solucionar os problemas coletivos.

Quando a Prefeitura de Santo André assumiu a administração da vila, em 2001, Elias, assim como os antigos moradores de Paranapiacaba, se empolgou. Imaginou que a antiga vila fosse ressurgir com glamour do passado. Promessa da Prefeitura que Elias não cansa de cobrar. ▲